

APRESENTAÇÃO

O número 26 da Revista Abril reúne artigos e ensaios que abordam, de maneira ampla, a relação entre as literaturas de língua portuguesa europeia e africana e as sexualidades. Analisando textos de autores e autoras portugueses como Adília Lopes, Judith Teixeira, Lídia Jorge, Alexandra Lucas Coelho, Florbela Espanca, Al Berto, Margarida Vale de Gato e Hugo Gonçalves, ou ainda as autoras moçambicanas Paulina Chiziane e Isabela Figueiredo, e também a artista plástica Reinata Sadimba, os artigos selecionados trazem visões diferentes, às vezes contraditórias, das manifestações das sexualidades presentes nas obras. Partindo da afirmação feminina ou da desconstrução do lugar outorgado às mulheres nas sociedades patriarcais, passando pelas manifestações do travestismo e as deslocções das normas sociais que eles produzem, chegando finalmente ao questionamento da masculinidade e da sua fragilidade, este número centra-se exclusivamente na literatura produzida ao longo do século XX e XXI. Os textos apresentados debruçam-se sobre as modernas manifestações das sexualidades, abrindo para uma nova abordagem teórica que nos ajuda a compreender as manifestações contemporâneas do sujeito poético, da personagem, e da própria figura autoral. As sexualidades surgem como elementos de construções identitárias, ou ainda, o seu oposto, como fonte de questionamento destas. As análises aqui reunidas apontam também para a reinvenção de personagens ou figuras populares desprovidas de ferramentas de afirmação que, através da incorporação das sexualidades, transformam o seu lugar e o seu significado.

Notemos que as relações entre literatura e sexualidades constituem um jogo complexo que passa pelo ato de criação artístico, pela discursividade das identidades e práticas sexuais, mas também pela articulação entre a discursividade, as sexualidades e a hierarquia social – afirmada ou posta em questão pelos textos ora reunidos.

O termo “sexualidade” apresenta, por sua aparição recente na linguagem, um primeiro obstáculo a ser ultrapassado para a compreensão do aparelho teórico que enquadra os temas aqui abordados. Sigmund Freud não utiliza a terminologia “sexualidade”¹, ou, como nota Anne-Marie Gronhovd, se podemos localizar o aparecimento do termo nos primeiros anos do século XIX, nem Freud, nem Nietzsche vão utilizá-lo (GRONHOVD, 2004, p.25). Porém, é justamente nos *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade* que as relações entre a escrita literária e as sexualidades, compreendidas aqui

como conjunto de práticas sexuais, encontram uma das primeiras hipóteses que permitem relacionar intrinsecamente os termos. Formulada nas suas diferentes versões do texto que vão de 1905 a 1924, a hipótese suspeita que a sublimação seria “uma das fontes da atividade artística”. Hipótese polêmica, que funda, por exemplo, a reescrita pessoana, tão controversa quanto a formulação freudiana, da explicação da gênese heteronímica:

Se eu fosse mulher — na mulher os fenómenos histéricos rompem em ataques e coisas parecidas — cada poema de Álvaro de Campos (o mais histericamente histérico de mim) seria um alarme para a vizinhança. Mas sou homem — e nos homens a histeria assume principalmente aspectos mentais; assim tudo acaba em silêncio e poesia... (PESSOA, 1935)

A confusão – e a misoginia – evocadas por F. Pessoa entre sexualidades, gêneros sexuais e as teorias sexuais freudianas expressam perfeitamente uma longa tradição de recepção dos textos do vienense. Se por um lado, os leitores do pai da psicanálise apontam reais falhas ou lacunas nos textos, sobretudo no que toca à construção das identidades homossexuais e das mulheres; por outro lado, evidenciaram equívocos herdados tanto da negação das posições freudianas no momento das suas primeiras publicações quanto das aproximações – redutoras ou não – que seus leitores inseriram à obra, ao longo do século XX. Sarah Chiche, no prefácio da tradução francesa dos polêmicos *Três ensaios*, publicada em 2014, lembra que, para Freud, a questão da pulsão sexual não é formulada como uma descrição cultural das “diferentes possibilidades em articular desejo e o amor”, mas da descrição “do modo de funcionamento da sexualidade” da espécie humana (CHICHE, 2015, P.15). Contudo, Alain Vanier, na introdução da versão publicada pela Flammarion, lembra que as descrições apresentadas nos *Três ensaios* não é simplesmente biológica ou similar àquelas realizadas pelos sexólogos do século XIX. Ele chega mesmo a afirmar que aproximá-las seria uma “das fontes das numerosas incompreensões e enganos” (VANIER, 2019, p.14) que acompanham a história da recepção do texto. A noção de pulsão sexual em Freud supõe, segundo ele, uma “desnaturalização”, isto é, e como assinalado por muitos dos outros leitores da obra, ela é diferente do instinto, que seria um traço animal; e esta “desnaturalização” vem ao encontro da forte influência da obra de Charles Darwin com a qual Freud observa o ser humano. Sendo uma força ligada à cultura, a pulsão sexual já existe como elemento simbólico, daí os fenômenos de recalcamento e de sublimação.

A.M.Gronhovd, seguindo os passos de Michel Foucault, afirma que a noção de sexualidade teria a sua origem em “um conjunto de práticas que articulam controles do poder sobre o corpo que se modifica assim como se modifica o próprio sexo” (GRONHOVD, 2004, p.26) que passa de objeto religioso e moral à curiosidade científica. Assim, pode parecer anacrônico reconhecer traços característicos daquilo que hoje chamamos heteronormatividade em cantigas trovadorescas como a de Martim Soares, quando o eu poético, salientando a infidelidade da esposa de Pero Rodriguiz

Grougelete, afirma que “em outro dia, quando a fodi,/ mostrou-xi-mi muito por voss’amiga”². Contudo, é com fineza que João Carlos Barcellos lembra Alberto Mira quando percebe que o reconhecimento de práticas amorosas, eróticas ou sexuais inscreve-se em culturas e que “qualquer cultura supõe o conhecimento de certos códigos e, não necessariamente, a vivência pessoal de determinadas experiências, pois como argumenta [A. Mira], para se apreciar *Romeu e Julieta* ou os sonetos de Petrarca, por exemplo, não é necessário viver a heterossexualidade” (BARCELLOS, 2002, p. 46). Ora, mesmo se na cantiga de Martim Soares a prática sexual não se funda em um sistema onde sexo, identidade e práticas sociais se relacionam dando corpo ao que, hoje, entendemos ser as sexualidades, os versos não deixam de sublinhar a importância das práticas sexuais na articulação dos poderes e identidades sociais na Idade Média. Assim, (re)pensar as relações entre a literatura e as sexualidades é um exercício crítico que nos permite revisitar, reler, reintegrar textos – canônicos ou não – com focalizações pouco privilegiadas pelos estudos literários. Além disto, este exercício crítico permite igualmente salientiar os processos de construção literária baseados eles próprios na (re)visitação operada por tantos textos contemporâneos que exploram precisamente o anacronismo num jogo intertextual muitas vezes irônico.

Outros leitores da psicanálise, como Didier Anzieu (1981), percebem que, no trabalho de criação artística, o fenômeno da criação artística permite ultrapassar (*dépasser*) as regras até então vigentes para reencontrar um novo equilíbrio após uma crise psíquica (próxima ao luto e ao sonho), que convida o artista a recriar o sistema simbólico no qual se inscreve a pulsão criadora.

Reconhecendo o movimento de reconfiguração dos sistemas simbólicos operado pela criação artística, as escritoras ligadas ao feminismo do fim dos anos 60 até o início dos anos 80, pertencentes a segunda vaga dos feminismos, também chamaram a atenção para a necessidade da criação como arma de transformação da sociedade, afirmando assim identidades, gêneros e sexualidades ausentes dos códigos culturais dominantes. Hélène Cixous, no canônico *Le rire de la Méduse*, expressa este convite à criação, ligando-o a necessidade da reformulação dos códigos e valores sociais: “Escreva-te: teu corpo tem que ser escutado. Então brotaram os imensos recursos do inconsciente. Nossa nafta transbordará, sem dólar, dourado ou negro, sobre o mundo, seus valores sem cotas que mudarão as velhas regras do jogo” (CIXOUS, 2010, p.45). Se seguirmos pela trilha indicada por essa perspectiva, perceberemos que a literatura, ao dialogar com as sexualidades, convida-nos a reconhecer os esboços de múltiplas identidades que, silenciadas até recentemente, passam a existir no campo literário. Ultrapassa-se assim, para além do quadro social, as questões estéticas dominantes. Por exemplo, como nota Anna M. Klobucka (2009), a afirmação de figuras autorais femininas deu-se na contramão da canonização de uma expressão “neutra” da arte, formulada como ausência ou morte autoral por Roland Barthes e Michel Foucault.

Esta relação entre o corpo e a escrita, ou a escrita do corpo, muito mais do que uma simples escrita erótica, é evocada também pelo filósofo francês Jean-Luc Nancy na sua procura de uma linguagem viva e corporal. Ele sublinha que, para além dos “corpos significantes” da literatura (ele cita Dom Quixote, Quasímodo, todos os corpos de Zola, de Balzac, entre tantos outros), há um corpo da/na literatura que se encontra nos interstícios da escrita:

Se há algo a mais, outro corpo da literatura além deste corpo significado/ signifiante, este não é um sinal, nem sentido e não é nem mesmo escrito. Ele será a escrita ela própria, se “a escrita” indica aquilo que *se afasta da significação*, e que, por isto se (*ex*)creve. A excreção nasce do jogo de um espaço in-signifiante: o que separa as palavras dos seus sentidos, sempre recomeçando, e que as abandona à sua extensão. Uma palavra, assim que não é absorvida sem deixar seus rastros pelo sentido, permanece essencialmente estendida *entre* as outras palavras, oferecidas ao toque, sem, entretanto, se deixar apanhar: eis então a linguagem enquanto corpo. (NANCY, 2006, p.63, tradução dos organizadores)

Isto é, a escrita pode também ser entendida como uma relação de prazer e gozo, e configurar assim, no encontro entre a criação, o texto e a leitura, uma outra forma de sexualidade, onde a linguagem se oferece ao toque e ao encontro do leitor.

Atto discursivo que ultrapassa e reconfigura as molduras sociais, afirmando identidades ou, ao contrário, criando vozes anônimas – coletivas ou espectrais –, a escrita literária mobiliza, portanto, outra forma de economia libidinal, isto é, a criação literária passa a ser um gesto e um ato de acesso ao prazer que resulta de uma expressão de subjetividade, geradora de diferentes testemunhos e representações de práticas de acesso ao prazer e da afirmação do sujeito.

Buscando precisamente analisar “a diferença sexual” e como ela é retrabalhada pela poeta portuguesa Adília Lopes na obra *O regresso de Chamilly* (2000), Ana Beatriz Affonso Penna inicia o artigo chamando a atenção para o “emaranhado” intertextual proposto pela poeta, em que textos como as *Cartas Portuguesas*, e a sua primeira revisitação pela poeta, *O marquês de Chamilly* (1987), dialogam entre si, gerando uma “indecidibilidade irônica” na recepção da obra, pois os quadros sociais são invertidos, ultrapassados e parodiados. A autora mostra como a reafirmação dos códigos amorosos tradicionais passa então ao estatuto de patético, revelando, pouco a pouco, a hierarquia – e o absurdo desta – em que se inscreve o eu poético. Deste eu feminino, ironicamente criado como justaposição da personagem Mariana Alcoforado e da poeta, a autora traça então o *ethos* onde se encontram “o desejo amoroso [...] equiparado à importância política do desejo por liberdade” ou “uma posição extremamente controversa [...] que é a não escolha pela maternidade”. A autora do artigo conclui enfim, reconhecendo a “zona de instabilidade” pela qual navega a obra de Adília Lopes, mostrando “os atritos referentes à perspectiva representacional do corpo sexuado feminino”.

Também analisando a poesia de autoria feminina, Mauro Dunder debruça-se sobre a obra da poeta Judith Teixeira. Esta obra transgressora, oriunda de uma “experiência excêntrica”, oferece à leitura, segundo ele, “um corpo feminino libidinoso” e, por isso, transgressor. Para pôr em relevo a potência da desobediência dos códigos sociais encontrados da poesia de J. Teixeira, o autor não hesita em lembrar os versos comportados da poeta Virginia Victorino, reconhecida e aceita na década de 1920. A sexualidade lésbica afirma, portanto, um eu-poético que se insurge contra as clausuras que cerceiam a libido feminina e, de maneira ainda mais violenta, a sua enunciação. O autor chama a atenção para a artimanha operada pela poeta que cria ambientes exóticos, num “resgate da poesia simbolista/decadentista”, localizando o erotismo sáfico em um Oriente (re)inventado, “muito longe das famílias tradicionais portuguesas”. Contra a sociedade patriarcal portuguesa, a poeta impõe um corpo feminino que “constitui um mecanismo de resistência” o qual será um ponto de partida para tantos outros *corpos insurrectos* na literatura portuguesa.

Se o gênero poético permite a leitura de sexualidades encoradas na figura de um eu-poético, os gêneros do conto e do romance convidam-nos a ler a sexualidade do outro, às vezes alteridade radical, às vezes imagem especular dos autores. Assim, os três artigos que seguem abrem o número para outras escritas literárias.

Centrado na reescrita do conto *Branca de Neve*, levada a cabo pela romancista Lídia Jorge em seu conto homônimo, Cátia Monteiro Wankler e Veronica Prudente Costa analisam a reescrita de um gênero literário onde a figura feminina oscilava entre a heroína “doce, meiga, frágil” e a megera, incarnada em figuras “fortes e [possuidoras de] algum tipo de poder, mágico ou não”. No conto de Lídia Jorge, Branca de Neve passa a ser Maria da Graça, figura híbrida, caracterizada pelos atributos da heroína e da megera, não apresentando assim “papéis sociais de gênero fixos”. Entretanto, esta identidade conforme a sociedade capitalista não impedirá o fato de Maria da Graça ser vítima de uma assalto orquestrado por sete crianças, figuras pervertidas em oposição à segurança oferecida pelos sete anões na versão do conto dos irmãos Grimm. A sexualidade, aqui imposta pela violação do corpo feminino, traz a tona um irônico silêncio e uma estranha reformulação do *fait divers*, quando Maria da Graça narra a história para os seus amigos. A discursividade da agressão sexual é rasurada pela imposição do conto de fadas, onde, mesmo se abunda a violência, esta enquadra-se num contexto moralizador. No conto da escritora algarvia, a figura da heroína torna-se incompleta pois, como concluem as autoras, ela não realiza “a etapa da conquista e por conseguinte não derrota o mal”.

É também sobre a violência imposta aos corpos femininos, o artigo assinado por Renata Flaiban Zanete e Viviane Almeida. As autoras concentram-se, desta vez, sobre a obra das escritoras Paulina Chiziane e Isabela Figueiredo e da artista Reinata Sadimba, todas elas moçambicanas. Partindo do postulado que “[a] língua que se inventa, que não se submete,

é sinal de resistência”, as autoras traçam um inventário de corpos marcados pela violência, reescritos, porém, pelas artistas erigindo-se, assim, contra a “Lei do Pai”. O artigo traz uma polifonia de vozes críticas, que vai da canônica Hélène Cixous à escritora chicana Gloria Anzaldúa, passando por Ann Rosalind Jones e Adrienne Rich, questionando o lugar marginal e a reificação dos corpos femininos. Esses corpos, refeitos através da linguagem artística, “libertam-se das opressões sentidas na carne”. Deles, e da enunciação sobre eles, nasce a possibilidade da circulação do gozo feminino e as autoras chamam a atenção para o seu poder de comunhão, religando tanto os corpos femininos colonizados como o das colonizadoras, criando o que elas chamam de uma “afinidade transgressora”.

A transgressão também é o tema do artigo assinado por Catarina Martins que analisa, por sua vez, a obra transdisciplinar da escritora portuguesa Alexandra Lucas Coelho. A obra da jornalista e escritora portuguesa, “materializa [a] utopia de um mundo regido pelo prefixo “trans””. Personagens transgressores habitam a obra onde a circulação de fronteiras, circulação de gêneros literários e das sexualidades constroem um universo que “recusa a produção de diferença”. A autora também evoca a escritora Gloria Anzaldúa para definir um espaço de “encruzilhada” que se aproxima, segundo ela, do espaço imaginário criado por Alexandra Lucas Coelho. Neste espaço “trans”, as leis da construção do ideal universalista – na verdade, europeus e brancos e cis – são postas em causa pelas inúmeras circulações e transgressões que acabam por definir “a dissolução [como], de facto, uma nova epistemologia”. A análise se focaliza particularmente no romance *A Nossa Alegria Chegou*, onde, num mundo imaginário, Alendabar, vivem os protagonistas Ossi, Aurora e Ira. Mesclando política, sexualidades, identidades trans e em transformação e também referências ao nosso mundo atual, o artigo conclui convidando-nos a ler a obra como um “manifesto” que nos mostra como transpassar a rigidez dicotômica do Eu e o Outro na construção de uma “alegria global”.

A temática “trans” é também analisada por Leonel Isac Maduro Velloso, desta vez nas obras poéticas de Florbela Espanca, Al Berto e Margarida Vale De Gato. Partindo do postulado de que os três poetas compartilham uma intensa relação entre a vida e a obra poética, o autor afirma que os três encenam “sujeitos autobiográficos” “em fuga” ao tentar ser captados pela linguagem; cada um utilizando artimanhas diferentes, como a “impossibilidade”, para Florbela Espanca, a “economia frugal de representação do eu”, em Al Berto, ou ainda, o “tecido protetor” para Margarida Vale de Gato. Estes três estratégias são então aproximados do fenômeno do travestismo da voz, através do qual a enunciação feminina se fez presente desde as canções de amigo na literatura portuguesa, sendo o fenômeno “capaz de fazer a Literatura Portuguesa ‘gaguejar’”. O autor também chama a atenção para o fato de poetas como Florbela Espanca utilizarem as imagens femininas fabricadas a partir do olhar masculino, levando-nos a pensar essa escrita como uma “escrita-travesti”, em que a poeta utiliza os códigos fabricados pelo sujeito masculino na sua própria definição. E também, o ato de travestismo com o

qual Al Berto experimenta a feminilidade ou ainda, como em Margarida Vale de Gato, que cria “simulacros”, “tecidos de palavras”, palimpsestos do *corpus* da tradição literária portuguesa, com o qual encobre o seu próprio corpo, pondo em questão a “tradição de masculinidade heteronormativa e falocêntrica”.

Finalmente, Jorge Vicente Valentim trata da sexualidade e da masculinidade na obra *O Coração Dos Homens*, de Hugo Gonçalves. Partindo da articulação dos conceitos de “masculinidade hegemônica”, definido por Raewin W. Connel e de “práticas da masculinidade”, seguindo a concepção dada por Miguel Vale de Almeida, o autor salienta a necessidade de considerar a masculinidade no plural, ou seja, como “leitura de sujeitos masculinos marcados pela fragmentaridade, pela não-uniformidade, pela não-compacidade”. Analisando a formação dos personagens Ele, Mau e Grande que evoluem na “Cidade”, Estado-Nação distópico, de onde todas as formas de manifestações contrárias à masculinidade heteronormativa, dentre as quais as próprias mulheres foram expulsas, e no “Estrangeiro”, o autor nos mostra como a manifestação da masculinidade está ancorada em discursos do colonialismo e também em “uma relação especular com antigos regimes totalitários que dizimaram a Europa”. A estratégia narrativa é então analisada, mostrando a desconstrução, extremamente sutil, operada pelo romancista que, se por um lado demonstra a impossibilidade de se libertar de “masculinidades hegemônicas”, não deixa de salientar “as [suas] fissuras e as [suas] fragilidades”.

Completam o número duas resenhas, assinadas por Paulo Ricardo Kralik Angelini e Carlos Roberto dos Santos Menezes, que apresentam as obras *Um muro no meio do caminho* de Julieta Monginho e *Vamos Comprar Um Poeta*, de Afonso Cruz.

Em “Escombros da Civilização: A Crise dos Refugiados em Julieta Monginho”, Paulo Ricardo Kralik Angelini traz-nos à tona a importância do romance da autora portuguesa que dá a voz aos refugiados. Mostrando as nuances, e também as armadilhas do eurocentrismo que a narração sobre este tema tão atual e controverso pode conter, o autor afirma ser este um romance longe da contemplação da tragédia humana, mas sim um texto “crítico e engajado”.

Em “Nunca se Abandona a Poesia nem num Parque, nem na Vida”, Carlos Roberto dos Santos Menezes oferece-nos uma análise de *Vamos comprar um poeta*, do autor português Afonso Cruz. Esta “fábula distópica” que dialoga com a “filosofia, a política” e é igualmente marcada por “traços de ensaio crítico”, descreve um mundo marcado pela aniquilação da subjetividade e pelo imperativo capitalista do utilitarismo. Esse universo será portanto fragilizado pela figura de um poeta, adquirido para satisfazer os desejos da filha de uma família típica. Inicialmente, este elemento que se aproxima de um animal de estimação vai assim, pouco a pouco, promovendo “a perversão do mundo regido pela lógica materialista”. O autor afirma ao longo da sua resenha a defesa da Arte, segundo Afonso Cruz, num mundo onde a produção de valores se afirma de maneira tão pronunciada.

Este número 26 pretende, assim, tratar as diferentes abordagens críticas que o prisma das relações entre as sexualidades traz ao aparelho crítico literário. Pode, enfim, afirmar que, ao longo dos artigos, há a ideia de que as sexualidades devem ser compreendidas como fundamento libidinal que coloca em movimento a pulsão humana, relacionando-se com a linguagem, com o corpo, com os gêneros, com variados tipos de gozo, com as transgressões, com as subversões, com a criação, sobretudo, mas também com a morte, afinal.

Daniel Rodrigues (Université Clermont Auvergne/ CELIS)

Tatiana Pequeno (Universidade Federal Fluminense)

Organizadores

REFERÊNCIAS

ANZIEU, Didier. *Le corps à l'œuvre*. Paris: Galimard, 1981.

BARCELLOS, José Carlos. Literatura e Homoerotismo Masculino: perspectivas teórico-metodológicas e práticas críticas In, FOUREAUX DE SOUZA, José Luiz, *Literatura e Homoerotismo*, São Paulo: Scortecci, 2002.

CHICHE, Sarah. Éloge de l'égarement, in FREUD, Sigmund, *Trois essais sur la théorie sexuelle*, Paris: Payot & Rivages, 2014.

CIXOUS, Hélène. *Le rire de la Méduse et autres ironies*. Paris: Galilée, 2010.

GRONHOVD, Anne-Marie. *Du côté de la Sexualité. Proust, Yourcenar, Tournier*, Montréal: XYZ Éditeur, 2004.

KLOBUCKA, Anna M. *O Formato Mulher. A Emergência da Autoria Feminina na Poesia Portuguesa*, Coimbra: Angelus Novus, 2009.

NANCY, Jean-Luc. *Corpus*, Paris: Metailié, 2006.

PESSOA, Fernando. Carta a Adolfo Casais Monteiro 13 de Janeiro de 1935, consultada em URL: <http://arquivopessoa.net/textos/3007>, acesso em 6/4/2021.

VANIER, Alain. Une singulière amnésie, in FREUD, Sigmund, *Trois essais sur la théorie sexuelle*, Paris: Flammarion, 2019.

NOTAS

1 Por exemplo, os tradutores do célebre *Drei Abhandlungen zur Sexual-theorie* para o francês estão de acordo com o fato de que a expressão *Sexual-theorie*, deva ser traduzida por *Théorie sexuelle* (teoria sexual). Segundo Alain Vanier, é na expressão *Abhandlungen* que residiria o problema da tradução, pois reenvia tanto para *traite* (tratado) como para *essai* (ensaio). Cf. VANIER, 2019.

2 Consultada em <https://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1399&pv=sim>, acesso em 6/4/2021.